

O MENINO RISCADO NAS PAREDES: A INFÂNCIA REPRESENTADA POR MEIO DO ESPAÇO NO ROMANCE *LEITE DERRAMADO*

Allysson Davi de CASTRO¹
Universidade Federal do Piauí

1 INTRODUÇÃO

Chico Buarque de Holanda (1944 -) é considerado uma das maiores expressões artísticas do Brasil, reconhecido internacionalmente não só pela sua composição musical, mas também por seu destaque na dramaturgia e na prosa literária. O escritor foi agraciado com a premiação de melhor romance por três vezes pelo Prêmio Jabuti: **Estorvo** (1991), **Budapeste** (2003) e **Leite derramado** (2009). **Benjamim**, lançado em 1995, completa a sua lista de romances publicados. Em seu acervo bibliográfico, é recorrente a tentativa de retratar e denunciar a realidade social e humana brasileira. De modo geral, seus escritos são um reflexo da desconexa sociedade contemporânea brasileira. E talvez o retrato mais contundente desse quadro social apareça em seu derradeiro romance, **Leite derramado**.

Aos 100 anos de idade, doente e prostrado em uma cama de hospital, o narrador conta a história de sua vida de maneira confusa e fragmentada. As suas reminiscências são visivelmente afetadas pela aproximação da morte, resultando em um discurso retalhado. Sempre que regressa ao tempo da infância, a descrição espacial é operada de forma simbólica, deixando revelar as mazelas que afetam a classe aristocrática no país. O objetivo deste trabalho é justamente mostrar como a categoria do espaço é capaz de relevar dados substanciais não apenas da infância do narrador, mas também da maneira imperialista com que ele se relaciona com a sociedade e como esse espaço dialoga de forma harmoniosa e equilibrada com o sujeito, quase uma fuga da realidade desesperadora em que se encontra.

2 A NATUREZA DO ESPAÇO FICCIONAL

No transcorrer dos séculos, a teoria da literatura comumente reduzia a categoria do espaço – elemento determinante para a composição da obra literária – à mera noção de ambientação, assumindo assim um papel puramente figurativo no texto. Isso se deve, em parte, ao desconhecimento que se tinha em relação ao dinamismo característico da configuração espacial. Contudo, a representação do espaço tem um campo tão abrangente, que podemos afirmar que ela está intrinsecamente ligada a questões de ordem social, histórica,

¹ Graduando em Letras Português da UFPI / Aluno de Iniciação Científica e pesquisador CNPq/UFPI (Orientador: Prof. Dr. André Pinheiro).

discursiva, política, ideológica, bem como às experiências vivenciadas pelo personagem. Assim, o espaço passa a ser um elemento capaz de abrir uma multiplicidade de leitura e de pontos de vista na obra literária.

Os lugares onde o protagonista viveu quando menino ficaram cristalizados em sua lembrança, quase atingindo a dimensão de símbolo ou de alegoria. Logo, é possível estabelecer uma diferença entre *lugar* e *espaço*. Enquanto o primeiro tem um aspecto mais concreto e material, este último figura como abstração e como um motor do imaginário. Brandão (2007, p. 210), ao falar dos espaços literários e suas expansões, afirma que:

o fundamento do texto literário moderno é a fragmentação, seu caráter de mosaico, de série de elementos descontínuos. Pensa-se a literatura moderna como exercício de recusa à prevalência do fluxo temporal da linguagem verbal. Espaço é sinônimo de simultaneidade, e é por meio desta que se atinge a totalidade da obra. (BRANDÃO, 2007, p. 210)

Ao tratar de descrição espacial, o autor mostra que a própria lógica discursiva (que exige uma linearidade) é responsável pelo desdobramento do espaço. Seguindo essa linha de raciocínio, não há como ter simultaneidade no discurso literário pelo fato de um acontecimento apresentar-se de forma fragmentado. Por outro lado, há uma articulação que vincula essas partes autônomas à totalidade da obra. Esse entrelaçamento é o que vai causar o efeito de simultaneidade na literatura.

3 APRESENTAÇÃO DO ROMANCE

Leite derramado é o derradeiro romance de Chico Buarque. O livro está dividido em 23 capítulos, todos escritos em parágrafo único, que versão sobre as próprias experiências humanas que acontecem de forma ininterrupta. A obra é um monólogo que dialoga com a ascensão e a decadência socioeconômica da família Assumpção, concomitantemente com a história brasileira ao longo de dois séculos. São histórias de um homem centenário, prostrado no leito de um hospital, favorecendo que sua trama seja feita de modo intermitente. A sua ordem cronológica é alternada por uma série de digressões, recurso estilístico que quebra com a uma ordem lógica sequencial do discurso e do pensamento. Essa forma desconexa de lidar com o passado, revela a imprecisão do narrador em poder modificar, transfigurar ou refutar uma ideia que as vezes é díspar com o que já foi descrito anteriormente.

Chico Buarque constrói um “*jogo de espelho* ao colocar personagens de épocas diferentes dentro da mesma história, ou relatando o mesmo fato porém com pessoas distintas exercendo uma mesma função” (PEDROSO, 2011, p. 14). O próprio cenário de uma mente

perturbada, conflituosa e densa projeta um determinado comportamento e nos impele a levar em consideração que a dimensão íntima do personagem vincula-se a um significado pretensiosamente simbólico. Esse jogo de espelho é um traço muito marcante em vários momentos da narrativa e aparece de modo evidente no trecho abaixo:

Tenho fome. Os enfermeiros daqui são rancorosos, com exceção daquela moça, no momento não me vem o nome dela. Na falta dela, alguém precisa se ocupar de mim. Dispensando salamaleques, odeio intimidades, exijo atendimento neutro, profissional. Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. Virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber. Deixem minha mãe me cheirar, tão logo volte da missa, e ela vai descobrir que me serviram a comida dos empregados. Por que quando a babá sai de folga é sempre o tal negócio, ninguém tem paciência comigo. Mas estou com fome e sou capaz de bater a cabeça na parede até me servirem a sobremesa. E quando meu pai perguntar que galo é esse na minha testa, vou lhe contar que nessa casa me dão porrada quase todo dia. Vou contar em francês, para ficar todo mundo com cara de imbecil e ninguém me contestar. Papai não admite que alguém encoste no filho fora ele e a mamãe. (BUARQUE, 2009, p. 101-102)

Nesse trecho, Eulálio tem uma espécie de surto no quarto do hospital e nesse momento uma história parece fazer com ele se torne o menino mimado que fora outrora e com isso reaviva sua nobre ascendência e sua identidade através da memória. É possível levantar hipóteses para justificar esse jogo de espelhos. Na gênese do trecho transcrito acima, há um elemento que nos permite entender o motivo da reação do personagem: “Tenho fome.” Fisicamente, o personagem se encontra fragilizado pela condição faminta em que está. Aliado ao seu estado de saúde e a sua idade avançada, ele vive uma espécie de delírio, propiciando que se reporte à sua infância e repita a mesma cena. Como apontado por Grace Costa Pedroso, narra-se o mesmo fato com personagens diferentes. Essa mistura de personalidades construída pelo autor também é revelada através do jogo linguístico que justapõe em um mesmo contexto termos de natureza diversa – como a palavra coloquial “salamaleques” e o vocábulo de cunho erudito “obséquio”.

4 O ESPAÇO NA INFÂNCIA DO NARRADOR

É importante ressaltar que “uma das peculiaridades mais proeminentes do espaço, talvez seja a sua estreita ligação com o homem. (...) Com efeito, os lugares por onde o homem não passa tendem a serem vistos como formas destituídas de conteúdo, pois a mera existência física do espaço não é capaz de gerar um objeto vivo e dinâmico, que só é plenamente alcançado por intermédio da experiência humana”. (PINHEIRO, 2009, p.2) Nessa

perspectiva, a fazenda constitui um elemento primordial na infância do narrador, pois tudo o que ele vivencia lá, vai revelar sua personalidade em vários momentos do romance.

Em **Leite derramado** o protagonista tem uma relação extremamente afetuosa com a fazenda onde nasceu e cresceu, pois esse espaço figura como o lugar ideal – levando-se em consideração as experiências que teve com o ambiente – para viver feliz com a pessoa para quem ele narra as suas fantasias. Decorrente do contato com a natureza, a fazenda está vinculada à ideia de liberdade que o próprio personagem teve e que agora almeja retomar em seu desejo brutal de sair do hospital. De certa forma, ele se lembra dos criados e dos passeios que fizera a cavalo e paradoxalmente associa esses anos ao tratamento que recebe da enfermaria: alguém que está profissionalmente ao seu dispor, no entanto não satisfaz seus desejos. Mesmo que essa afetuosidade seja descrito em outros momentos da narrativa, ela está maneira mais evidente no primeiro capítulo, como apontado a seguir:

Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das jóias e do nome da minha família. Vai dar ordens aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher. E se na fazenda ainda não houver luz elétrica, providenciarei um gerador para você ver televisão. Vai ter também ar condicionado em todos os aposentos da sede, porque na baixada hoje em dia faz muito calor. (...) Mas nosso chalé em Copacabana já veio abaixo, e de qualquer forma eu não moraria com você na casa de outro casamento, moraremos na fazenda da raiz da serra. Vamos nos casar na capela que foi consagrada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro em mil oitocentos e lá vai fumaça. Na fazenda você tratará de mim e de mais ninguém, de maneira que ficarei completamente bom. E plantaremos árvores, e escreveremos livros, e se Deus quiser ainda criaremos filhos nas terras de meu avô. (BUARQUE, 2009, p. 5-6)

A fazenda é um lugar bastante expressivo para o narrador, até porque ela é um ambiente que supre todas as suas necessidades básicas e imediatas. Há até mesmo uma capela para celebrações de cultos religiosos na área territorial, ainda que constitua apenas uma forma figurativa, sem desempenhar uma função muito consistente para o andamento do enredo e para a formação da personalidade do indivíduo, já que o narrador não demonstra qualquer traço de religiosidade. Simbolicamente, essa capela revela a necessidade de se manter atado aos moldes da cultura cristã e da tradição familiar, que tinha a fé como elemento presente e promissor para a vida de qualquer pessoa. A presença de um espaço sagrado na fazenda é também uma tentativa de mascarar a falta de retidão do pai de Eulálio, morto supostamente por um adversário político ou pelo marido de uma amante. Outro fato a se acrescentar, é que sempre que o narrador vai se referir à capela, ele insiste em enfatizar que ela foi consagrada

pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, evidenciando assim o prestígio social detido por sua família.

A fazenda é também o espaço que proporciona ao narrador uma série de reflexões sobre a vida, conforme se observa na seguinte passagem: “você me olha assim como eu na fazenda olhava um sapo, horas e horas estático, fito a fito no sapo velho, para poder variar com os pensamentos.” (BUARQUE, 2009, 19). De certo modo, a personalidade de Eulálio Assumpção é moldada pelas experiências vividas na fazenda – um lugar marcado pela ideia de liberdade e pela abundância de recursos projetada pela imagem do casarão.

À medida que a narrativa se desenvolve, os espaços da vida por onde passava o narrador quando infante vão se desconstruindo por causa da degradação social a que sua família é acometida, conforme assinala Margarida Gil dos Reis em um ensaio sobre o referido romance:

(...) do chalé de Copacabana dos seus 20 anos passamos para um apartamento nas traseiras do chalé, seguimos para um apartamento menor na Tijuca, vemos o palacete da família em Botafogo ser vendido, a fazenda de infância transforma-se numa favela e a última morada do narrador é o antigo cemitério onde jaz o avô. Tudo converge para um estado que culmina, simbolicamente, na morte. (REIS, 2009, s/p).

É na velhice que o personagem vive o auge da sua decadência em contraponto ao que viveu durante a infância. Nessa última fase da vida, Eulálio está incutido por um sentimento de desprezo, nojo e desaprovação. Talvez isso esteja marcado de forma mais contundente no capítulo 9: segmentos como “Estou neste hospital infecto...”, “Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiláceos, dormimos todos em camas rangedoras” e “Esta pocilga será interditada pela vigilância sanitária, e voltarei para puxar seus pés, e vocês vão dormir na rua”, revelam a inconformidade perturbadora do personagem com a realidade à qual está condicionado. Por outro lado, sinaliza-se auspicioso por não se render à condição degradante e desumana em que se encontra e por ainda acreditar que possui algum prestígio social.

Sempre buscando evidenciar questões de cunho social, **Leite derramado** põe em cheque alguns paradigmas instituídos pela sociedade, como a grande amizade travada entre Eulálio e um mulato filho do cavaleiro de seu pai. Ainda que a fidalguia não almejasse tão alto grau de proximidade entre seus filhos e os criados, o pequeno Eulálio viveu momentos de muita travessia ao lado do amigo mulato. Contudo, essa amizade começa a esmaecer a partir do momento em que o narrador precisou deixar a fazenda para iniciar seus estudos na cidade. Mas o deslocamento favoreceu ao personagem fazer descobertas acerca de sua sexualidade,

pois percebera que a atração que corriqueiramente sentia pelo filho do criado já não existe mais.

Os resquícios da forte influência aristocrática que cercava a infância do narrador podem ser percebidos no modo retrógrado e galante como ele elabora as frases. Isso significa que Eulálio ainda está preso a alguns costumes e hábitos do passado pomposo, como a necessidade de falar fluentemente o francês. Certo o pai propositalmente preparava o nosso narrador para, no futuro, dar continuidade à sua carreira e saber administrar os seus bens. Dominar a língua francesa possibilitaria a concretização desse desejo, como bem exemplifica o trecho abaixo:

Eu estou ali embaixo à esquerda, ao lado de um sujeito mais alto, de terno cinza ou bege, com uma palheta meio torta na cabeça. Estou de novo olhando para a câmera, mas dessa vez contrariado por aparecer quase como um laçao, carregando um sobretudo e uma pasta de couro alheios. O nome do *monsieur* a meu lado era Dubosc, e fosse sonora a fotografia, sobressairia uma voz muito grossa a perguntar pela delegação francesa. Naquele momento ele provavelmente ainda não tinha me reconhecido, pois depois de me largar nas mãos o sobretudo e a pasta, olhava por cima de mim e não parava de falar, *I'ambassadeur?, I'ambassadeur?* Já estava previsto que o embaixador lhe abria os salões na noite de sábado, para uma gala com a presença do corpo diplomático, de autoridades e figuras ilustres da sociedade local, mas Dubosc não se dava por satisfeito. Em bom francês eu me disse encantado em revê-lo, depois de nossos inolvidáveis *rendez-vous* em Paris, na companhia de meu finado pai, o senador Assumpção. (BUARQUE, 2009, p. 25-26)

As lembranças de Matilde percorrem todo o relato, aparecendo no mais das vezes através de *flashes* de oito décadas, através dos quais o protagonista procura reconstituir a difícil convivência com a esposa. O casamento com Matilde (que gradativamente vai sendo revelada como morena e filha de criada) rompe com a ideia reinante na época de que patrões ou filhos de patrões não poderiam ter relações sexuais com as criadas, já que tal ato abriria a possibilidade de ascensão social para a esposa, algo indesejável para a sociedade daquela época.

Embora essa prática fosse muito corriqueira, a sociedade recorria a variados meios para ocultá-la. Diante disso, podemos afirmar que o espaço delineado na obra de Chico Buarque também revela um caráter social. O narrador apaixonou-se por uma mulata, casa-se com ela e satisfaz seus desejos da juventude, mas no desenvolver da trama isso é ocultado pelo preconceito vigente, especialmente no ambiente familiar, como observamos no trecho abaixo:

(...) Mas por esse tempo felizmente aconteceu de eu conhecer Matilde, e eliminei aquela bobagem da cabeça. No entanto garanto que a convivência com Balbino fez de mim um adulto sem preconceitos de cor. Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai. (BUARQUE, 2009, p. 20)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a denúncia das condições sociais, políticas e humanas da sociedade moderna constitui a espinha dorsal dos romances de Chico Buarque. A fragmentação do indivíduo, o deslocamento do sujeito, o espaço em decomposição e a decadência da classe aristocrática são alguns dos temas mais recorrentes, geralmente emoldurados pela rica paisagem do Rio de Janeiro. Em **Leite derramado**, o protagonista também sofre por não se adequar com muita comodidade às mudanças e transformações sociais advindas com o desenvolvimento urbano, muita embora as reminiscências funcionem como uma espécie de âncora salvadora. O espaço campestre no qual o narrador passou a infância pode até sugerir a ideia de ordem, mas ela surge apenas para enfatizar, através do contraste, o estado lastimável que assinala os seus últimos anos de vida.

É importante ressaltar que, ao destacar as memórias pueris do espaço interiorano, o personagem não recai em uma visão retrógrada e conservadora do mundo. Ele antes faz uma tentativa de resguardar o espaço responsável pela formação de sua cultura e tradição familiar, que foram gradativamente perdidas junto com a dignidade da família Assumpção. Luis Alberto Brandão afirma que “nas narrativas modernas, acentua-se a problematização da categoria espacial. Muitas vezes as personagens existem em um universo que é constantemente rearranjado pela memória. (...) A intenção de gerar o efeito de simultaneidade leva à vivência da mesma cena em ambientes distintos.” (BRANDÃO, 2001, p. 83). Percebemos que o sentimento de enfermidade e a aproximação da morte levam Eulálio a reconstruir os espaços por onde passou, revelando uma tentativa desesperada de eternizar o passado ou de amenizar o estado em que se encontra. Dessa maneira, na trama buarqueana o espaço se vincula de forma simbólica ao sujeito e reflete as mudanças pelas quais ele passa.

São muitas as experiências vividas pelo personagem principal da trama. O seu discurso lacunar já aponta para uma multiplicidade de alternativas ao mesmo tempo em que mina a credibilidade dos fatos, pois ora nem o próprio Eulálio sabe se o que diz é alucinação ou verídico, contradizendo-se e atrapalhando-se em suas próprias lembranças. O discurso

marcado por aspectos da oralidade revela um narrador dinâmico, com fluidez na oratória, mas que coloca sua personalidade em cheque: ao mesmo tempo é culto e promíscuo, respeitoso e preconceituoso, educado e indelicado.

Diante do exposto, vale reiterar que a infância teve papel fundamental para a formação do indivíduo, pois as suas manias, costumes, fala e comportamento são um espelho das experiências vividas naquele tempo. E Chico Buarque soube construir isso com maestria, pois, empregando uma linguagem persuasiva, dá ao leitor o papel de co-autor, do indivíduo que se vê envolvido na trama a ponto de tirar as suas próprias conclusões. Leyla Perrone-Moisés acertou ao dizer que “o texto é construído de maneira primorosa, no plano narrativo como no plano do estilo”. De fato, **Leite derramado** é um grande referencial para a literatura contemporânea, tão prazeroso e envolvente é a sua fabulação. O livro é capaz de mergulhar o leitor em um espaço completamente escorregadio e desafiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PEDROSO, Grace Costa. **Leite derramado: gota a gota**. Uma análise sobre Leite derramado. UFRGS: Porto Alegre, 2011.

PINHEIRO, André. O nascimento de uma nova cidade: aspectos da condição urbana na poesia de Zila Mamede. In: **Revista Odisseia**. Nº 4. Natal: EDUFRN, 2009. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/odisseia/article/view/2035>>.

REIS, Margarida Gil dos. O regresso às origens. In: **Jornal de letras - Portugal** - 02/07/2009. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_jletras_margarida.htm>.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. In: **Aletria**. Vol. 15. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>.

BRANDÃO, Luis Alberto; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.